

A linguagem e a formação da consciência: uma perspectiva Histórico-Cultural

Anna Maria Lunardi Padilha

A formulação de Vygotsky de sua teoria histórico-cultural, nos mostra novas relações entre o que é social e o que é individual, no desenvolvimento humano. Ele assume que a constituição do pensamento, da ação e da consciência acontece nas **relações concretas da vida social**. A teoria de Vygotsky aponta caminhos para a superação da dicotomia individual/social, pois para ele, o ser humano só pode ser compreendido nessas duas dimensões que o constituem - a dimensão social e a individual, absolutamente articuladas e interdependentes. Em sua obra, fica clara a sua preocupação em mostrar a *continuidade* entre o plano biológico e o plano cultural, e ao mesmo tempo, a *ruptura* entre o biológico e o cultural, pela ação do signo (Pino, 1997).

Vygotsky diz que: *"todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e, depois, no interior da criança (intrapsicológico)"* (1988, p.64).

A internalização das atividades que foram socialmente desenvolvidas - a incorporação da cultura - é o que constitui o essencialmente humano. *"É a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana."* Para Vygotsky, o momento mais importante, de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, acontece quando a fala e a atividade prática convergem, se unem, se encontram. A linguagem produz novas relações com o ambiente, organiza o comportamento. Quanto mais complexa a ação, maior é a importância da linguagem.

Desde os primeiros dias na vida de uma criança, seus atos indeterminados são interpretados, são significados pelos adultos que a cercam. E é por isso que Vygotsky diz que *"o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa"*.

Por exemplo: como aparece no bebê, o gesto de apontar? Inicialmente os movimentos da criança são indeterminados, depois, são direcionados a algum objeto que quer alcançar e agarrar. Os adultos interpretam esses gestos e alcançam o objeto para a criança. Na verdade, a criança alcança o objeto através do adulto que interpretou seu gesto. O gesto da criança afetou o outro e, de movimento de agarrar, passa a **gesto de apontar**.

Foi a **interação** que criou um gesto significativo. Foi a **mediação do outro**. Portanto, para essa posição teórica o **desenvolvimento humano é socialmente constituído**.

Se, no início, a fala do outro dirige a ação da criança, depois a criança usa a fala para afetar a ação do outro (Góes, 1991). A fala para o outro começa a se transformar em fala para si e serve para organizar a própria ação. Isso nos mostra que o plano intrapessoal, intrasubjetivo é formado pela internalização do que esteve presente no plano intersubjetivo, interpessoal. Não como uma cópia ou reprodução, mas como processo criativo de apropriação e domínio.

Considerar o homem como ser histórico, cultural e por isso simbólico, transforma nosso modo de compreendê-lo. *"A autonomia do sujeito e a regulação de suas ações constroem-se sobre interações"*. (...). São justamente os processos de incorporação da cultura e individuação que permitem a passagem de formas elementares de ação para formas complexas, **mediadas** (Góes, 1991).

Se a vida social dos animais é formada por **sistemas sinaléticos**, os seres humanos criaram **instrumentos e sistemas de signos**, cujo uso lhes permite conhecer e transformar o mundo e a si mesmos. Esse sistema de signos é chamado de **"mediação semiótica"**.

O homem nasce nos ombros da cultura. O homem nasce nos ombros de seu grupo social. A hominização é resultado de um processo histórico de organização da atividade social. A criança reconstitui nela o que já é aquisição da espécie.¹

Como Vygotsky fundamenta-se em Marx, não poderia deixar de considerar o **trabalho** como elemento fundante da constituição humana. Pelo trabalho, o homem transforma a natureza e se transforma, desenvolvendo habilidades especificamente humanas.

O homem cria instrumentos de trabalho para realizar suas atividades produtivas e assim, sobreviver. A ligação do homem com a natureza não se dá de maneira direta - passa por instrumentos criados por ele.

Vygotsky nos fala de dois tipos de mediadores externos:

- **os instrumentos** - que regulam as ações sobre os objetos, como por exemplo o martelo, o lápis, a faca...)

- **os signos** - que regulam as ações sobre o psiquismo das pessoas, são os mediadores da formação da consciência.

O signo transforma as pessoas. Como está no lugar da coisa significada, tem as seguintes funções:

a) tornar presente o que é da cultura e está ausente;

b) dirigir a ação dos outros (conteúdos culturais e práticas sociais) e as próprias ações (relações sociais)

É pela mediação dos signos que a criança vai progressivamente entrando no mundo da cultura e tornando-se social - humanizada.

Para analisar essa mediação semiótica, Vygotsky escolhe uma unidade de análise - o **significado da palavra**. Para ele, a palavra é o microcosmos da consciência. Bakhtin (1979), vem nos dizer que não é fácil reconhecer o significado das palavras, pois **cada palavra se faz significativa na interlocução, na experiência, nas relações humanas. O efeito da palavra sobre o outro é que determina a significação.**

Por exemplo: o que quer dizer a palavra "mãe"? Para o dicionário é *"mulher ou qualquer fêmea que deu à luz a um ou mais filhos. Fonte, origem"* (Dic. Aurélio). Mas, qual o sentido da palavra "mãe", agora, para cada um de nós? O que é mãe, para quem perdeu a mãe e a amava? O que é mãe para quem está com a mãe muito doente? O que é mãe para quem acaba de ser mãe? E para quem acabou de perder seu filho? O que é mãe para quem foi rejeitado e abandonado pela mãe? Para Bakhtin (1979), a palavra está sempre carregada de sentido de vivência, de sentido ideológico e polêmico. As palavras são portanto, **polissêmicas**, isto é, têm variados sentidos dependendo do contexto e das condições de produção.

O significado das palavras tem uma história e muitas vezes o sentido pretendido não é o mesmo construído pelo outro a quem dirigimos nossas palavras. A história do conhecimento depende das condições concretas de vida e nosso modo de funcionar é muito desigual.

Se os sujeitos são constituídos nas relações sociais, constituem-se sob pressão de diferentes discursos, de diferentes instituições, em meio a antagonismos. Não podem ser máquinas que agem sempre de acordo com pré-determinações...

Com o conceito de **mediação semiótica**, podemos pensar o psiquismo humano como um **processo permanente de produção**, que envolve tanto cada indivíduo como o seu meio social e cultural, numa interação constante. Os valores, tanto sociais como morais, não caem do céu como por encanto; nem passam a fazer parte da vida das pessoas de uma hora para a outra. Desde o nascimento, a criança interage com os

¹ Frei Betto, numa conferência de encerramento do Congresso de Leitura em Julho de 1999, disse que nosso olhar nostálgico para um céu estrelado significa saudade do berço... somos, células, moléculas, átomos, tudo feito no calor das estrelas no início do mundo.

gestos, as palavras, os silêncios, as atitudes... A formação da consciência se dá nas relações sociais do cotidiano, carregada pela história tanto filogenética (da espécie) quanto ontogenética (da vida de cada pessoa).

São nas relações sociais que aprendemos os sentidos e significados das palavras. Junto com os sentidos e significados, incorporamos **o que fazer** com a palavra: quando dizer, o que dizer, para quem, onde... quando omitir, quando mentir, quando chorar, quando sorrir... A formação da consciência reflete e refrata as relações que nos constituem: *A conduta do homem é o produto do desenvolvimento de um amplo sistema de laços sociais e relações, formas coletivas de conduta e de cooperação social* (1994, p.138).

O homem tem a capacidade de transformar a realidade material em outro tipo de realidade. Agindo sobre a natureza, cria condições de existência e só pode fazer isso, se ele mesmo for objeto de transformação. A cada nova transformação da natureza, um processo de transformação pessoal acontece. O homem transforma um pedaço de pau em cruz, uma porção de barro em tigela, um conjunto de sons em palavras, um gesto aleatório em gesto de amor ou de ódio. O que é um crucifixo para quem não partilha de um certo conhecimento elaborado? Talvez um ótimo instrumento de agressão ou um simples acendedor de fogo... O sentido de duas madeiras pregadas de uma certa forma, é **criação cultural, é representação, é símbolo!**

Símbolo pode ser definido como um "faz de conta" criado pelo homem, em sociedade. Tomo algo que não é, por algo que passa a ser: um cabo de vassoura, vira cavalo de pau... um gesto com as mãos, vira bênção... mulheres que geram, viram mães... fórmulas viram explicações de fatos físicos ou químicos... letras viram cartas, poesias, ensinamentos... **Símbolo é algo, ou alguma palavra que está no lugar de outra coisa ou outra palavra.**

Se a gente perde a dimensão simbólica, a religião não passa de uma palhaçada, absolutamente sem sentido; a escola não tem o que fazer; a família é uma farsa; o beijo é movimento desprovido de qualquer sentido. Os textos, as regras, as fórmulas, nada dizem a respeito de alguma coisa se for desconsiderada sua dimensão simbólica.

Não há cultura sem símbolo; não há cultura sem linguagem. O homem se faz, se constitui enquanto cria símbolos, o homem se constitui enquanto cria e usa linguagem. Faz existir o que não existe por si...

Se o conhecimento e o crescimento humanos se constituem nas relações, nas interações com os outros homens, também o fracasso assim se constitui. Este "outro", nem sempre nos constitui da melhor forma... Se a linguagem é a solução de uma porção de problemas humanos, ela é também um grande complicador. Não é transparente, não mantém sentidos fixos (tem múltiplos sentidos), apresenta uma dinâmica complexa e difícil.

Por outro lado, não conheço o mundo sem palavras. Não conheço irmão, sem a palavra "irmão"... a **relação** com o mundo e o **conhecimento** deste é perpassada pela palavra; o **conhecimento** do mundo é perpassado pela palavra. Internalizamos as palavras dos outros e a tornamos nossas, não de maneira idêntica, mas transformando-as de acordo com os nossos conhecimentos anteriores, de acordo com nossas representações de mundo, que vão acontecendo por causa das nossas interações e das mediações dos outros... A consciência humana, a possibilidade de pensar sobre o próprio pensar, tem um "auditório social". Nossa voz está repleta de outras "vozes" - são as palavras nossas, alheias, como diz Bakhtin. A atividade mental constitui um "território social". Dependemos de nossos interlocutores concretos (tanto do momento como do passado).

É ainda Bakhtin quem diz: *"Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito, a escrita, o cálculo), a consciência é uma ficção"* (1979). A consciência, ela mesma é uma parte do ser, uma de suas forças, tem

existência real e representa um papel na arena do ser. A consciência, nesta perspectiva aqui apresentada, é de fato social e não ato individual interior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. Hucitec, 1979.

GÓES, M. Cecília R. "A natureza social do desenvolvimento humano" in Cadernos CEDES, nº 24. Papirus, 1991.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. Martins Fontes, 1994.

PINO, Angel. "O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano" in Cadernos Cedex, nº 24. Papirus, 1991.

_____. "A questão cultural na perspectiva histórico-cultural de Psicologia". Simpósio: Psicologia e Cultura. Perspectivas Contemporâneas, 1997.